

**TEXTOS APRESENTADOS NO I CONGRESSO  
BRASILEIRO DE  
PEDAGOGIA DO ESPORTE,  
realizado em Caxias do Sul, de 6 de junho a 9 de junho de 2012**

- **PALESTRA**

**BASES PSICOPEDAGÓGICAS DA INICIAÇÃO ESPORTIVA: INÍCIO DA  
PRÁTICA GERAL E ESPECIALIZADA**

Mario Roberto Brauner

- **CURSOS**

**OFICINA DE VOLEIBOL**

Mauricy Jacobs

**A PLASTICIDADE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

Leda Sallete Ferri Nascimento

- **SESSÃO CIENTÍFICA**

**OBESIDADE INFANTIL ASSOCIADA A HÁBITOS ALIMENTARES**

Elisiane Marcon

Franchesco V. Moraes

Jovani A. Silva

Milena Posser

Natália Garibaldi

Renatiane Lazzaretti

**ACOMPANHAMENTO CARDÍACO DE ATLETAS DE JUDÔ DE SANTA  
CATARINA**

Andréia Fernanda Moletta

Miguel Leopoldino de Souza

**APTIDÃO FÍSICA DE IDOSOS PRATICANTES DE GINÁSTICA**

Cátia Pereira  
Cláudia Deise Bock Martins  
Deise Jaqueline Alves Faleiro  
Kleber Brum de Sá  
Marcelo Souza Guimarães  
Raquel Battisti  
Silvana Bianchi  
Suzana Hubner Wolff  
Taiana Vicentin Gatti

**OS EFEITOS DA GINÁSTICA PERCEBIDOS PELOS IDOSOS VINCULADOS A UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA**

Cátia Pereira  
Cláudia Deise Bock Martins  
Deise Jaqueline Alves Faleiro  
Kleber Brum de Sá  
Marcelo Souza Guimarães  
Raquel Battisti  
Silvana Bianchi  
Suzana Hubner Wolff  
Taiana Vicentin Gatti

**MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CORPORAL NA PREPARAÇÃO FÍSICA DE EQUIPE DE VOLEIBOL INFANTO**

Diego Busin  
Eliane Carla Kraemer  
Mauro Amâncio da Silva

**DESEMPENHO DAS AÇÕES TÉCNICO-TÁTICAS DE VOLEIBOL DA CATEGORIA INFANTIL**

Ricardo Teixeira Quinaud  
Margareth Porath  
Juarez Vieira do Nascimento

**A INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES DE COOPERAÇÃO E NÃO  
COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA LIDERANÇA**

Gislaine Zanoto Rech

**COLOCANDO A INICIAÇÃO EM JOGOS COLETIVOS EM PRÁTICA:  
UMA EXPERIÊNCIA PILOTO**

Leonardo Graffius Damasceno

Mariana França Machado

Otávio Tavares

**TRANSFERÊNCIA BILATERAL NO FUTSAL FEMININO ESCOLAR**

Janaína Scopel Fae

**A INFLUÊNCIA DE PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS NO  
DESEMPENHO ESCOLAR**

Carlos G. Bonone

Karina Andrioli

**PROGRAMA ATLETA DO FUTURO DO SESI: O ESPORTE NA  
PERSPECTIVA TÁTICA**

Fernando Jaime González

Juan Prediger Garay

Robson Machado Borges

**O FUTSAL CAXIENSE: EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA SUA ORIGEM**

Cristian Giacomoni

Francesca Chaida Sonda

Maria de Lourdes Giotto

**ESPORTE NA ESCOLA E A VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Diego Pinto Dengo

Uilian Maciel de Almeida

**FATORES MOTIVACIONAIS DETERMINANTES DA PRÁTICA DE  
ESPORTES COLETIVOS**

Diego Pinto Dengo

Uilian Maciel de Almeida  
Vitor Mateus da Silva Nascimento

**NÍVEIS DE ANSIEDADE-TRAÇO COMPETITIVA EM GOLEIROS DE FUTEBOL DE BASE**

Daniel Ricardi Crizel da Silva  
Uilian Maciel de Almeida

**FATORES MOTIVACIONAIS: QUESTÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA ESPORTIVA**

Uilian Maciel de Almeida  
Vitor Mateus da Silva Nascimento

**EFEITO RETÓRICO NO DISCURSO: UM ESTUDO PRELIMINAR NO FUTEBOL**

Luísa Mocelin Fonseca

**OS PAIS NA INICIAÇÃO DESPORTIVA DE ESCOLARES: A REUNIÃO DE PAIS PARTICIPATIVA**

Edson Souza de Azevedo  
Tiaraju Borba Ferreira

**ATLETAS NO ENSINO MÉDIO: MOTIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Marco Aurélio Cardoso  
Renata Ramos Goulart

**PEDAGOGIA DOS ESPORTES DE AVENTURA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Luíza Isnardi Cardoso Ricardo  
Pedro Augusto Crespo da Silva  
Rodrigo Wiltgen Ferreira

**DESENVOLVIMENTO MOTOR EM RELAÇÃO AOS ESTÁGIOS DE HABILIDADES MOTORAS FUNDAMENTAIS**

Cesare Augusto Marramarco

Denise Casagrande  
Maria de Lourdes Giotto  
Rubiana Madruga Sganzerla

**ANÁLISE DE ANSIEDADE EM BAILARINOS AMADORES DE DANÇAS  
TRADICIONAIS GAÚCHAS**

Carlos Gabriel Gallina Bonone  
Marcos Vinicius da Silva

**TRANSFERÊNCIA DE APRENDIZAGEM DO PASSO LONGITUDINAL  
NO BOLERO E NA SALSA**

Natália Garibaldi  
Wagner Ricardo Padilha

# PALESTRA

## BASES PSICOPEDAGÓGICAS DA INICIAÇÃO ESPORTIVA: INÍCIO DA PRÁTICA GERAL E DA ESPECIALIZADA

Mario Roberto Brauner\*

A atividade esportiva por si mesma não educa, e seus efeitos educativos dependem da situação que se cria especialmente em relação aos aspectos de interação social e ao clima socioemocional e motivacional existentes. Essas condições dependem de diversos fatores, entre os quais um deles me parece fundamental: a intervenção do educador/monitor. Ela pode potencializar ou não outras facetas dos jovens desportistas, além de sua atitude física e aprendizagem das destrezas desportivas.

Em minha perspectiva, não basta insistir na importância do esporte em favor da saúde e do desenvolvimento pessoal dos mais jovens. É preciso igualmente encontrar novas fórmulas aos enfoques atuais, em muitos casos, carentes de critério, tanto do ponto de vista das metas perseguidas, como da metodologia utilizada para sua consecução. A revisão da situação atual, nesse sentido, deveria partir da consideração de uma série de questões que portassem novas ideias no **fazer** dos profissionais que se dedicam ao ensino da atividade físico-desportiva. Em meu entender, essas questões seriam:

- Que diretrizes gerais deve ter a iniciação esportiva?
- Que objetivos se deve lograr em cada uma das etapas da iniciação esportiva?
- A motivação dos jovens coincide com a dos que organizam as atividades esportivas?

---

\* Possui graduação em Educação Física – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialização em Técnica Desportiva na disciplina de Basquetebol pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado em Mestrado Institut Nacional D'Educación Física pela Universitat de Barcelona. Atualmente é Professor de Ensino Superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.

- Que metas se persegue em nível pessoal/social?
- Como conseguir que o esporte seja realmente contexto de desenvolvimento pessoal?
- Como potencializar a aprendizagem social?

Definir tais questões supõe resolver outras mais concretas, como as seguintes:

- Jogo ou esporte?
- Iniciação esportiva geral ou especializada?
- Que significa ter êxito nessas idades?
- Esporte participação/educação ou esporte competição? E, em seu caso, que tipo de competição?
- Há que se entender a agressividade como um recurso esportivo?

A atitude de pais e professores/monitores ante os problemas colocados tem condicionado o que hoje em dia é o esporte infantil e juvenil, âmbito em que as preocupações mais claras, ao que parece, baseiam-se em encontrar e aplicar a técnica e a tática adequadas para ganhar do adversário longe, portanto, de uma proposta onde desponte a preocupação em criar um contexto para educar.

Na realidade, fala-se muito dos aspectos educativos do esporte, mas se faz muito pouco por eles, existindo um verdadeiro abismo entre as intenções e a ação. A busca dos resultados não requer os mesmos procedimentos que a tentativa de melhorar a condição pessoal através da prática educativa. Às vezes, ambas as tarefas coincidem, às vezes não, e os educadores precisam estar atentos para tais diferenças.

Se viéssemos a admitir que o resultado fosse a maior motivação para a prática, deveríamos admitir, também, que o número de desmotivados seria muito maior, na medida em que o número de vencedores é consideravelmente menor que o de derrotados. Assim, o resultado não pode ser o parâmetro único para nortear nossa prática.

Nessa perspectiva, o esporte será mais educativo na medida em que conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa. É preciso entender o alto nível como “ponto de chegada” e

não como “ponto de partida”, adaptando, assim, o esporte à criança e não o contrário.

Buscar propostas que unam os interesses das crianças, suas motivações, sua etapa de desenvolvimento e os objetivos do treinamento e da competição, deve ser a meta a alcançar por aqueles que dirigem os programas de iniciação esportiva na atualidade, preparando as crianças e os jovens independentemente do “êxito atual”, capacitando-os para o máximo rendimento, naquela idade em que possam atingir sua maturidade física e psíquica.

Entre os estudiosos do esporte, já existe quase um consenso na atualidade: o período de aprendizagem alcança os 14 e os 16 anos, e que, nesse período, a competição deve ser encarada como um *meio* e não como um *fim* nela mesma.

Por isso mesmo, estou convencido de que a chave para o êxito no esporte não reside no *quão cedo* a criança começa a participar, mas no *quando* está realmente preparada para participar.

Assim, ancorado em minha longa trajetória de trabalho no campo do esporte, permito-me afirmar que o grande desafio para todo o profissional que trabalha em programas de iniciação esportiva acaba sendo estabelecer um equilíbrio entre ensino, jogo e competição.

Por tudo isso, estou certo de que o investimento na formação dos professores/monitores do esporte, nas categorias de base, garante desde os pontos de vista técnico e pedagógico, a preservação do esporte diante de possíveis excessos.

Ao reconhecer que as crianças não jogam para divertir o público nem os adultos nem para chegar em primeiro lugar, mas para divertirem-se, para se formarem como pessoas através do esporte, penso que ainda chegará o dia em que, onde existir uma criança querendo jogar, existirá também alguém adequadamente preparado para ensiná-la.



# CURSOS

## OFICINA DE VOLEIBOL

Mauricy Jacobs\*

### 1 APRESENTAÇÃO

**2 DEBATE:** Questões referentes à iniciação esportiva, sua complexidade, o ser humano (crianças) e a individualidade.

### 3 ENFOQUE METODOLÓGICO

- Quais são as metodologias de ensino mais adequadas?
- Quais são as diferenças entre as faixas etárias e os sexos?
- Qual é a idade ideal para iniciar a prática de voleibol?
- Jogar se aprende jogando ou treinando as habilidades físicas?
- Outras.

### 4 SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA NO VOLEIBOL

Segundo Bojikian (2005), sequência pedagógica é um procedimento metodológico por meio do qual um determinado movimento é ensinado em partes, e essas vão sendo associadas entre si, progressivamente. Ensina-se um fragmento de habilidade motora, que, uma vez aprendido, a ele será conectado um outro elemento, depois outro, até que se tenha a execução completa. Stallings apud Bojikian (2005) afirma que a cada estágio sucessivo da habilidade motora, a nova habilidade é construída sobre aprendizagens anteriores.

Magill (1998) chama esse processo de “transferência de aprendizagem”, pois a influência da experiência anterior acontece no desempenho de uma nova habilidade e num novo contexto ou na aprendizagem de uma nova habilidade. Essa transferência pode ser positiva, quando melhora a qualidade do desempenho de uma habilidade devido à experiência anterior; ou será negativa, se a

---

\* Técnico de voleibol.

experiência prévia foi negativa, de modo que a pessoa apresenta um desempenho pior do que teria sem a experiência prévia.

## 5 FASES DA INICIAÇÃO ESPORTIVA: segundo Paes e Oliveira (2004)

### PRÁTICA

- FASE I: dos 7 aos 10 anos ou da 1ª a 4ª séries – educação do movimento, lúdico, habilidades motoras, capacidades físicas gerais, participativa e alegre;

- FASE II: dos 11 aos 13 anos ou da 5ª a 7ª séries – desenvolvimento de diversas capacidades coordenativas que darão base a futuros desempenhos; e

- FASE III: dos 13 aos 14 anos ou da 7ª e 8ª séries – refinamento das habilidades aprendidas até então.

### Fase I – Desenvolvimento básico

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Motivar as crianças a gostarem de voleibol;</li> <li>– Adquirir habilidades básicas sobre os fundamentos;</li> <li>– Iniciação às táticas coletivas e individuais;</li> <li>– Desenvolver espírito de equipe e respeito pelos colegas, árbitros e adversários;</li> <li>– Diversão e participação é o que mais importa;</li> <li>– Jogar uma grande variedade de jogos modificados;</li> <li>– Reconhecer as regras básicas.</li> </ul>
Técnicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Ensinar a mecânica das técnicas básicas;</li> <li>– Processo evolutivo;</li> <li>– Posição expectativa/deslocamento;</li> <li>– Toque;</li> <li>– Recepção/manchete;</li> <li>– Saque por baixo;</li> <li>– Ataque (passada e movimento de braços).</li> </ul>
Tática	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Introdução às táticas básicas;</li> <li>– Postura e movimentação dentro da quadra;</li> <li>– Formação básica (6x0);</li> <li>– Tática de equipe (sistemas básicos);</li> <li>– Recepção, ataque e defesa;</li> <li>– Regras básicas.</li> </ul>

Habilidades de jogo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Jogos pré-desportivos: minivôlei, 1x1, 2x2, peteca, etc.;</li> <li>– Participar de competições (objetivos educacionais);</li> <li>– Experimentar a alegria de jogar dentro dos fundamentos e das situações de jogo;</li> <li>– Usar as habilidades dos fundamentos aprendidos de forma bem-executada;</li> <li>– Transição ao voleibol regular.</li> </ul>
Físico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Coordenação motora geral;</li> <li>– Desenvolver velocidade, agilidade e tempo de reação;</li> <li>– Corrigir e aprimorar deslocamentos e saltos.</li> </ul>
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Introduzir técnicas de treinamento mental: <ul style="list-style-type: none"> <li>· motivação;</li> <li>· concentração;</li> <li>· percepção;</li> </ul> </li> <li>– Ensinar/preparar o jogador para vencer ou perder.</li> </ul>
Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Definição do “espírito de equipe”;</li> <li>– comunicação eficiente entre colegas e técnico.</li> </ul>
Sessões	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Três vezes por semana;</li> <li>– Treinos de, no máximo, 90 minutos;</li> <li>– Treinos de deslocamento e coordenação.</li> </ul>

## Fase II – Aperfeiçoamento

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Aperfeiçoamento das técnicas simples e aprendizado das técnicas mais complexas;</li> <li>– Desenvolvimento da condição física geral;</li> <li>– Ensinar táticas fundamentais;</li> <li>– Polimento dos fundamentos;</li> <li>– Adicionar algumas habilidades complementares;</li> <li>– Individualizar o treinamento técnico, o físico e o treino continuado para todas as posições.</li> </ul>
Técnicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Aperfeiçoamento das técnicas básicas;</li> <li>– Introduzir novas técnicas;</li> <li>– Saque por cima;</li> <li>– Levantamento, todas as posições, saltando;</li> <li>– Bloqueio simples e duplo;</li> <li>– Defesa em queda e em extensão;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Ataque: variações de ataques e alvos.</li> </ul>
Tática	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Individual;</li> <li>– Análise e percepção da ação do oponente;</li> <li>– Equipe;</li> <li>– Formação básica de ataque e defesa;</li> <li>– Formação da percepção do saque.</li> </ul>
Habilidades de jogo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Principais sistemas de jogo;</li> <li>– Apitar para aprender as regras;</li> <li>– Participação em competições (objetivos formativos).</li> </ul>
Físico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolvimento das capacidades aeróbicas e anaeróbicas, velocidade, agilidade, tempo de reação;</li> <li>– Treinos de resistência, pliometria e flexibilidade.</li> </ul>
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Melhorar as habilidades psíquicas: <ul style="list-style-type: none"> <li>· concentração;</li> <li>· motivação;</li> <li>· percepção;</li> </ul> </li> <li>– Imaginação.</li> </ul>
Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Cooperação e responsabilidade com a equipe.</li> </ul>
Sessões	<ul style="list-style-type: none"> <li>– De 3 a 5 treinos por semana;</li> <li>– Treinos de 90 a 120 minutos;</li> <li>– Treinos específicos de tática.</li> </ul>

### Fase III – Especialização

Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Aperfeiçoamento das técnicas e táticas individuais;</li> <li>– Treinamento em posição específica dentro da técnica, tática e preparação física exigida para a posição;</li> <li>– Individualizar o treinamento técnico e o tático;</li> <li>– Condicionamento físico específico para cada posição/jogador.</li> </ul>
Técnicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Refinamento dos detalhes técnicos;</li> <li>– Consolidação das técnicas;</li> <li>– Variações: saque/viagem;</li> <li>– Novas técnicas coletivas;</li> <li>– Bloqueios duplo e triplo;</li> <li>– Variações e combinações de ataque;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Levantadores: habilidades e criatividade;</li> <li>– Determinar funções: <ul style="list-style-type: none"> <li>· passadores;</li> <li>· levantadores;</li> <li>· atacantes: pontas, meios, saídas/opostos, fundo;</li> <li>· bloqueadores: extremas e meio;</li> <li>· especialistas em defesa e passe;</li> <li>· líbero;</li> <li>· passadores.</li> </ul> </li> </ul>
Táticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Melhor escolha de uma resposta motora;</li> <li>– Treino tático avançado;</li> <li>– Formação de equipe e combinações táticas;</li> <li>– Sistema de jogo completo: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Sistema de ataque e contra-ataque;</li> <li>– Sistema de cobertura de ataque;</li> <li>– Sistema de recepção;</li> <li>– Sistema de bloqueio;</li> <li>– Sistema de defesa.</li> </ul> </li> </ul>
Habilidades de jogo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Voleibol com aplicações técnicas e táticas de maneira correta;</li> <li>– Participação em competições (objetivos competitivos);</li> <li>– Identificação/entendimento pelos jogadores dos sistemas de jogo;</li> <li>– Conhecimento geral das regras.</li> </ul>
Físico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolver capacidades físicas específicas ao voleibol e à posição;</li> <li>– Pliometria e velocidade;</li> <li>– Grande flexibilidade, braço rápido e força.</li> </ul>
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolver e manter uma atitude positiva;</li> <li>– Concentração;</li> <li>– Motivação, percepção e imaginação;</li> <li>– Traçar objetivos de carreira.</li> </ul>
Geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Dinâmicas sociais de grupo.</li> </ul>
Sessões	<ul style="list-style-type: none"> <li>– De 4 a 8 treinos por semana;</li> <li>– Treinos de 60 a 180 minutos;</li> <li>– Treinos físicos em separado.</li> </ul>

Fonte: Müller (2009).

Esta não é uma fórmula pronta a ser seguida, mas um norte para onde conduzir e sistematizar o planejamento da iniciação ao voleibol, levando em conta os vários aspectos apresentados.

#### **6 MINIVOLEIBOL:**

FASE UM, 1 X 1;

FASE DOIS, 2 X 2;

FASE TRÊS, 3 X 3;

FASE QUATRO, 4 X 4.

## **A PLASTICIDADE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA**

Leda Sallete Ferri Nascimento\*

A Ginástica Artística é um dos mais belos e incríveis esportes da humanidade. Atividade que proporciona centenas e variadas experiências através da globalidade dos movimentos e das atividades, buscando a precisão e a perfeição nas posições invertidas, nas rotações, nos apoios e nas suspenções. (BOURGEOIS, 1998).

- Grupo estrutural de movimentos que compõem os elementos da Ginástica Artística: – Posição invertida – Rotação – Salto.
- Posicionamentos em relação ao corpo: – Grupado – Carpado – Estendido.

#### **GRUPADO**



Posição ideal:  $<90^\circ$  ângulo no quadril e  $<90^\circ$  ângulo nos joelhos.

---

\* Profissional de Educação Física.

## CARPADO



Posição ideal  $<90^\circ$  ângulo do quadril – joelhos estendidos.

## ESTENDIDO

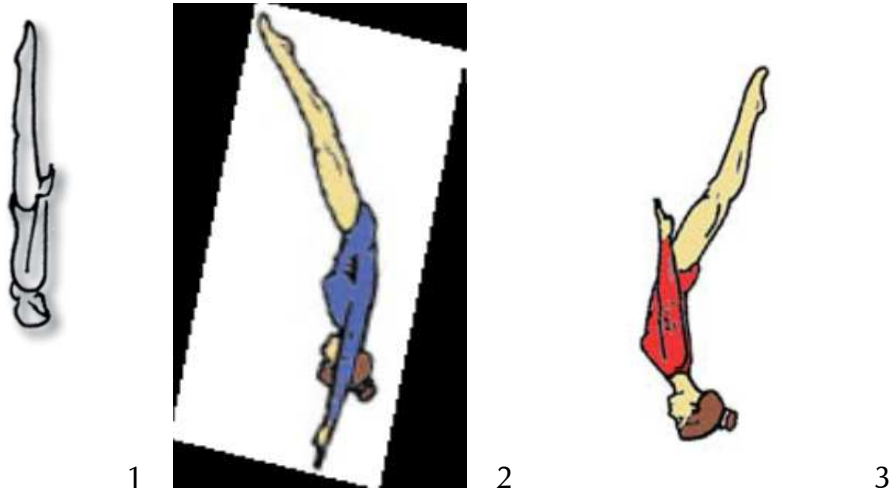


Figura 1 – Alongado e alinhado. Figura 2 – Alongado e encaixado. Figura 3 – Alongado e selado.

Posicionamento do corpo em relação ao aparelho:

**Suspensão:** a maior parte do peso do corpo fica abaixo de um ponto fixo (pendurado).

A linha dos ombros fica abaixo do aparelho.



Suspensão alongada



Suspensão invertida

**Apoio:** a maior parte do peso do corpo fica acima de um ponto fixo. São denominadas de apoio as posições em que o peso do corpo é sustentado sobre os braços.



Apoio facial



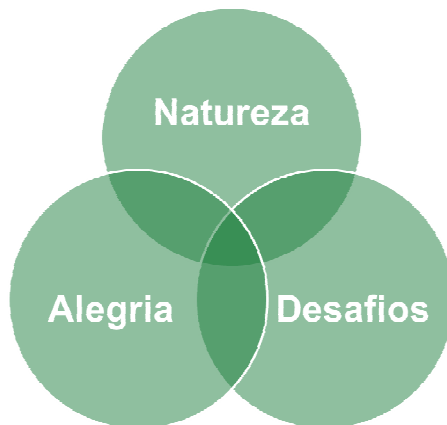
Apoio dorsal



Apoio invertido estendido

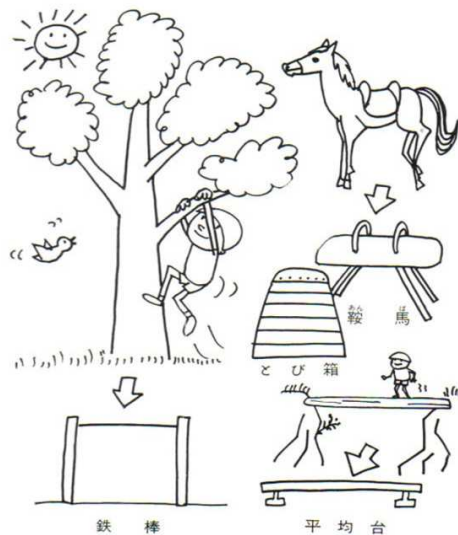


A dinâmica da ginástica:



Natureza dos movimentos:

- do rastejar e engatinhar aos apoios invertidos;
- dos deslocamentos aos saltos e às combinações;
- do pendurar e apoiar nos balanços aos giros nos aparelhos;
- das rotações para frente/trás e o lado às reversões e mortais.



Natureza dos aparelhos: Evolução natural dos movimentos.



Saltar



Saltitar

**Alegria:** Sentimento puro e prazeroso proporcionado pela ginástica artística:



Brincar nos aparelhos; brincar com os aparelhos.

A criança e a necessidade de movimento:

- Quadrupedia                      Girar = rotações
- Pendurar = suspensão        Pular = saltar
- Apoiar = apoios                Equilibrar

Desafios:

SUPERAÇÃO = enfrentar = conquistar



Transpor – realizar – superar

O desafio de aprender e realizar as etapas propostas que se tornam cada vez mais complexas e em condições variadas.

GINÁSTICA – ESPORTE DE “ARTE”. Filosofia da ginástica “ARTE”.

– Fazer ginástica é fácil, difícil é fazer bem-feita. Um trabalho de base deverá proporcionar aprendizado, visando à perfeição e deve ser fundamentado e estruturado dentro dos padrões ideais de execução técnica.

**Apresentação Artística:** criatividade – originalidade na composição dos elementos e movimentos. Segurança na *performance* – execução firme e precisa dentro da técnica ideal. Ritmo – expressar a ideia da música por meio dos movimentos (solo). Relação música e movimento. GINÁSTICA = esporte de arte, perfeição e precisão.

A busca pelo aumento da dificuldade poderá transformar a ginástica em esporte de risco. Ginástica é um esporte maravilhoso! Um *show* de força e arte. Uma oportunidade para superar os limites da capacidade física. Algo impossível de acreditar!

# SESSÃO CIENTÍFICA

## Obesidade infantil associada a hábitos alimentares

Elisiane Marcon – Franchesco V. Moraes – Jovani A. Silva –  
Milena Posser – Natália Garibaldi – Renatiane Lazzaretti

Este trabalho foi idealizado e aplicado pela disciplina “Educação Física e Saúde” do Departamento de Educação Física da Universidade de Caxias do Sul (UCS), durante o segundo semestre de 2011. Compreendendo que a obesidade é uma doença crônica e de difícil tratamento e que apresenta índices elevados de patologias graves e problemas de saúde pública, o presente estudo teve como objetivo analisar o nível de obesidade infantil através de hábitos alimentares. Com o intuito de verificar algumas das causas de tal epidemia, realizou-se um estudo transversal com 12 crianças com idades entre 4 e 13 anos, dos sexos masculino e feminino. A avaliação foi realizada dentro da instituição de ensino através da coleta de dados sobre peso, estatura e circunferência abdominal dos escolares presentes, bem como foi aplicado um questionário sobre alimentação que, posteriormente à coleta dos dados, permitiu selecionar e categorizar as amostras como normais, em sobrepeso ou em obesidade conforme a análise do Índice de Massa Corporal (IMC) por idade (Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição, realizado pelo IBGE, no ano de 1989). Os instrumentos utilizados foram uma fita métrica marca *Stanley Handyman* para a medição da altura e circunferência, além de uma balança digital da marca *G-Life* (Saúde e Bem-Estar), com capacidade de 0 a 150kg/100g para a medida do peso. As medidas antropométricas foram anexadas a um pequeno questionário do tipo recordatório sobre hábitos alimentares adaptado à pesquisa, no qual se procurou registrar os hábitos alimentares das crianças. As informações sobre as práticas alimentares semanais foram obtidas utilizando-se um questionário padronizado e autoadministrado com leitura de cada questão individualmente para cada criança, sendo que as questões foram

reformuladas de forma a adaptá-las ao contexto da população investigada. Os resultados encontrados apresentaram uma alimentação adequada, mas foi observada uma tendência de maior frequência de crianças com IMC normal 58,3%; 25% das crianças foram classificadas como obesas, e 16,7% apresentavam sobrepeso. Constatou-se que a maior irregularidade foi o consumo de doces/guloseimas, diferente do consumo de frituras que obteve um resultado positivo, mostrando que a conscientização quanto à diminuição de consumo de gordura está cada vez mais presente no dia a dia das crianças. O estudo destaca que a má-alimentação é um fator que está totalmente ligado ao sobrepeso, por isso, deve-se prevenir a obesidade infantil com medidas adequadas de prescrição de dieta na infância desde o nascimento, além de se estudar mais sobre programas de educação alimentar que possam ser aplicados no nível primário de saúde, bem como nas escolas.

**Palavras-chave:** Obesidade infantil. Hábitos alimentares. Atitudes e práticas em saúde.

## Acompanhamento cardíaco de atletas de judô de Santa Catarina

Andréia Fernanda Moletta – Miguel Leopoldino de Souza

**Introdução:** Nas competições esportivas, promovidas por órgãos federativos, existe a obrigatoriedade de os atletas apresentarem autorização médica para tal prática, com o intuito de prevenir ocorrências cardíacas e até mesmo evitar mortes súbitas. A ausência de documento de liberação à prática ou autorização de médicos com diferentes especialidades se faz presente em campeonatos estaduais e regionais. **Objetivo:** Analisar a busca por parte dos atletas de Judô de acompanhamento médico especializado em cardiologia. **Metodologia:** A presente investigação consistiu em uma abordagem quantitativa, realizada com 114 atletas e participantes de Judô, sendo 88 do sexo masculino e 26 do feminino, com uma média de idade, respectivamente, de 24,30 e 21,70 anos, tendo como instrumento de

pesquisa o Questionário de Prontidão de Atividade Física (PAR-Q), adaptado ao público-alvo, acrescidas três questões específicas, sendo que todas as questões foram fechadas. No entanto, para o presente estudo, utilizaram-se apenas algumas questões, como: tempo de prática da modalidade, busca pelo diagnóstico especializado em cardiologia e realização de exames e testes cardíacos. A coleta dos dados foi realizada nos Jogos Abertos de Santa Catarina, no ano de 2010. Utilizou-se, para analisar as informações, a frequência das respostas e a porcentagem adquirida com a totalidade dos participantes, a partir do programa Microsoft – Excel. **Resultados:** Verificou-se que 17,55% dos investigados (n=20) praticam a modalidade há cinco anos; 25,44% (n=29), há dez anos, e 57,01% (n=65), há mais de dez anos. Observou-se que 53,50% (n=61) dos atletas afirmaram ter realizado consultas médicas com cardiologistas. No entanto, 46,50% (n=53) declaram nunca ter consultado um especialista dessa área. Conforme os dados gerais, pode-se observar que 46,50% (n=53) nunca foram num especialista cardíaco; 26,31% (n=30) foram há mais de um ano; 13,15% (n=15) buscaram o acompanhamento há um ano; e 14,04% (n=16) consultaram nos últimos seis meses. Constatou-se, também, que 51% (n=58) realizaram exames e testes cardíacos há mais de um ano; que 25% (n=25) realizaram há um ano, e 25% (n=25), nos últimos seis meses. **Conclusão:** Percebe-se que os atletas de Judô estão propensos ao desconhecimento específico do seu quadro clínico, relacionado ao sistema cardíaco. Também constatou que a autorização para a participação em competições foi fornecida por médicos de outras especialidades e não cardiologistas, pois houve uma grande incidência de atletas que nunca consultaram com médicos com essa especialidade. Tal realidade torna-se preocupante, pois as evidências de morte de atletas atreladas a questões cardíacas estão aumentando e presentes no dia a dia do mundo esportivo, causadas pela falta de preocupação com a saúde, apresentando ideais centralizados apenas no treinamento específico da modalidade.

**Palavras-chave:** Atletas. Judô. Acompanhamento cardíaco.

## Aptidão física de idosos praticantes de ginástica

Cátia Pereira – Cláudia Deise Bock Martins –  
Deise Jaqueline Alves Faleiro – Kleber Brum de Sá –  
Marcelo Souza Guimarães – Raquel Battisti – Silvana Bianchi – Suzana  
Hubner Wolff – Taiana Vicentin Gatti

Este estudo é uma produção do “Grupo de Pesquisa em Esporte, Saúde e Qualidade de Vida” (GPES), do curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). A prática regular de exercícios contribui significativamente para a melhora e manutenção da aptidão física. Apesar de numerosos, independentemente de serem de origem pública e/ou privada, os programas de atividades físicas para idosos ainda carecem de uma avaliação mais objetiva com relação aos seus efeitos na aptidão física. Nesse sentido, o presente estudo objetiva analisar o efeito do tempo de participação de um grupo de idosos no programa de ginástica do núcleo “DTG Domadores do Rincão”, vinculado ao projeto “Grupo de Convivência Conviver”, de Sapucaia do Sul – RS. Para tanto, foram recrutados intencionalmente 16 idosos entre 60 e 75 anos, que foram divididos em dois grupos, dependendo do tempo de prática. Os grupos 1 e 2 têm tempo médio de participação de quatro meses e dois anos e três meses, respectivamente. A coleta de dados foi realizada em mais de um dia e se compõe de seis testes: Levantar e sentar na cadeira (Teste 1); Flexão de antebraço (Teste 2); Sentado e alcançar (Teste 3); Sentado e caminhar 2,44m e voltar a sentar (Teste 4); Alcançar atrás das costas (Teste 5); andar 6 minutos (Teste 6). Depois da categorização dos resultados dos testes nos respectivos percentis, a análise das proporções dos dois grupos foi feita pela aplicação do teste qui-quadrado. Adotou-se o nível de significância de 5%. Os aspectos éticos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade. Poucos idosos conseguiram atingir o nível máximo de classificação. Na maioria dos testes para ambos os grupos, predominou a classificação dos resultados como *fracos* ou *muito fracos*. No teste 3, quase a totalidade dos idosos do grupo 1, e 75% do grupo 2 apresentam esse nível. No teste 1, 88% dos idosos do grupo 1 e 62% do grupo 2 estão nesse patamar. Esse quadro

se repete nos testes 2 e 4. No teste 5, os resultados dos dois grupos foram praticamente idênticos com metade dos resultados, não atingindo o percentil de 50%. Somente para o grupo 1, no teste 6, é que foi observado que a maioria dos idosos se classificou com resultados superiores (56%) contra 24% do grupo 2. Apesar dessas diferenças, não foram, em qualquer dos seis testes, encontradas associações significativas entre o tempo de prática e a classificação dos testes ( $p>0,05$ ). Isso significa dizer que, independentemente do tempo de participação no programa, os resultados dos idosos são muito semelhantes e predominantemente fracos. Esse fato nos leva a refletir, primeiro, sobre a qualidade das aulas ministradas, principalmente no que tange ao controle da intensidade do esforço, parâmetro fundamental para o desenvolvimento das capacidades motoras, como também dos outros componentes da carga (ex.: volume, intervalos). Por outro lado, talvez nesses grupos, o motivo principal da participação não seja o incremento de parâmetros físicos, mas o estabelecimento de contatos sociais.

**Palavras-chaves:** Aptidão física. Idosos. Ginástica.

## Os efeitos da ginástica percebidos pelos idosos vinculados a um grupo de convivência

Cátia Pereira – Cláudia Deise Bock Martins –  
Deise Jaqueline Alves Faleiro – Kleber Brum de Sá –  
Marcelo Souza Guimarães – Raquel Battisti – Silvana Bianchi –  
Suzana Hubner Wolff – Taiana Vicentin Gatti

Este estudo é uma produção do “Grupo de Pesquisa em Esporte, Saúde e Qualidade de Vida” (GPES), do curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. (Unisinos). O trabalho se justifica pela necessidade de qualificar os profissionais de Educação Física ante os desafios apresentados com o aumento da população idosa e da expectativa de vida, gerando novas velhices no contexto social. Portanto, torna-se difícil caracterizar *velhice*, visto que envolve questões que vão além dos limites da capacidade biológica, psicológica



e social dos indivíduos. Diante do exposto, esta pesquisa foi desenvolvida no “Grupo de Convivência Conviver” da prefeitura de Sapucaia do Sul – RS. Com o objetivo de identificar as percepções dos praticantes sobre os efeitos da prática de ginástica nessa fase da vida, foram realizadas observações e entrevistas semiestruturadas com 16 participantes maiores de 60 anos. Os cuidados éticos e metodológicos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade. A análise das entrevistas foi organizada por categorias associadas aos objetivos do estudo. Foram elas: a ginástica como dispositivo grupal; a ginástica como dispositivo de promoção de saúde e prevenção de doenças; e a ginástica como dispositivo de (des)apropriação da velhice. A partir das falas dos colaboradores e dos autores consultados, concluiu-se que a ginástica realizada pelo grupo é considerada por eles como uma importante atividade para a manutenção do bem-estar geral, associando-a a um lugar de convívio agradável e de criação de amizades. Destacam que a convivência em grupo é mais importante que o exercício físico em si. Os autores apontam que, na velhice, os sujeitos ficam, muitas vezes, sem encontrar papéis que os gratifiquem, que lhes possibilitem pertencimento social, fato que remete à realidade do grupo estudado como uma possibilidade de ressignificação e de novas relações sociais. O estudo aponta para a relação percebida pelos colaboradores entre a prática da ginástica e a desapropriação da velhice. Os sujeitos atribuem à prática de exercícios uma forma de manutenção da juventude e do afastamento da velhice, já que consideram a pessoa velha aquela que “se entregou”. É sabido que a velhice é uma experiência inédita, individual e também grupal, e que as metamorfoses desse processo são mais reconhecidas no outro do que no próprio sujeito. Atributos como alegria, felicidade e saúde não são exclusivos da juventude, e que ser velho pode representar essas e outras características. Portanto, o estudo remete à urgente apropriação dos profissionais da Educação Física dos conhecimentos que envolvem o envelhecimento humano. Não basta conhecer técnicas e treinos devidamente estruturados para essa fase da vida, se não houver domínio de outras dimensões desse processo. É preciso ampliar a intervenção, construindo abordagens interdisciplinares capazes de responder com eficiência a esse desafio contemporâneo acerca do

envelhecimento da população, cada vez mais presente na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Ginástica. Idosos. Percepções.

## Manifestações da cultura corporal na preparação física de equipe de voleibol infante

Diego Busin – Eliane Carla Kraemer – Mauro Amâncio da Silva

**Introdução:** Diversos estudos têm destacado a contribuição expressiva do esporte no desenvolvimento das competências técnicas, sociais e comunicativas, fatores essenciais para o processo de desenvolvimento individual e social dos praticantes. Outros estudos corroboram essas questões ao evidenciar que o esporte, por meio da interação entre os aspectos físicos, psíquicos e sociais e como todas as realizações humanas, está permeado pela complexidade das ações da vida das sociedades que o produzem, carregados pelos seus signos, significados, suas necessidades, seus desejos e expectativas. Entretanto, a literatura afirma que grande parte da redução da longevidade com a participação em esportes é ocasionada por erros de prescrição de treinamento, prejudicando a saúde dos atletas, física e emocionalmente, predispondo esses desportistas a lesões. **Objetivo:** Diante dessa preocupação, objetivou-se proporcionar aos atletas de voleibol a vivência de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, por meio da utilização do seu corpo como objeto de estudo para a compreensão dos seus movimentos dentro da quadra, relacionando-os com fatores inerentes ao desporto. **Metodologia:** Foram utilizadas intervenções variadas baseadas em dados obtidos de estudos científicos, planejadas, periodizadas e organizadas pedagogicamente, buscando encontrar um paralelo ao treinamento técnico-tático da equipe. Para isso, utilizou-se uma metodologia de trabalho estruturada num processo de ensino, que levou em consideração as possibilidades dos atletas, suas particularidades e capacidades motoras individuais – do fácil ao difícil, do simples ao complexo, do assimilado ao desconhecido. Esse trabalho concretizou-se na realização da

preparação física de 20 atletas da equipe de voleibol masculino da categoria infante da Universidade de Caxias do Sul (UCS), no período de março a junho de 2011, durante o Estágio Profissional do curso de Bacharelado em Educação Física da mesma instituição. **Resultados:** No final do período, foi possível constatar que os atletas refletiram sobre os trabalhos realizados, criticando e argumentando a respeito das vivências motoras experimentadas, buscando, através do esporte, a compreensão dos seus movimentos como realização humana, social e cuidado com a saúde. **Conclusões:** Conclui-se que, a partir do conhecimento das possibilidades e dificuldades dos seus próprios corpos, os atletas puderam melhorar seu desempenho atlético dentro das quadras, superando algumas expectativas de produtividade e eficiência, sendo fator determinante para a superação dos adversários. **Palavras-chave:** Cultura corporal. Esporte. Voleibol. Preparação física.

## Desempenho das ações técnico-táticas de voleibol da categoria infantil

Ricardo Teixeira Quinaud – Margareth Porath –  
Juarez Vieira do Nascimento

O presente estudo tem por objetivo analisar e comparar os resultados obtidos com as ações técnico-táticas (saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa) dos atletas das equipes finalistas do Campeonato Estadual Catarinense de Voleibol de 2010, na categoria infantil (sub 16), dos sexos feminino e masculino. Participaram do estudo oito equipes de voleibol, sendo quatro do sexo feminino com 45 atletas e quatro equipes do sexo masculino com 48 atletas, totalizando 93 atletas e 11.044 ações técnico-táticas de voleibol. Durante a coleta de dados, foi realizada uma observação sistemática e direta dos jogos, fazendo uso de filmadora e a posterior transcrição dos dados em fichas de observação. As ações foram analisadas de acordo com o Instrumento de Avaliação do Desempenho Técnico-Tático no Voleibol (IAD-VB), de

Collet (2011). Na análise dos dados, utilizou-se a estatística descritiva, por meio da média percentual, para obter a ocorrência das variáveis, sendo essas ações de saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. Os resultados evidenciaram que as equipes femininas possuem melhor desempenho geral que as equipes masculinas, tanto com relação à classificação final quanto nas ações técnico-táticas. Na comparação entre as equipes dentro de cada sexo, os dados revelaram que as equipes femininas melhor classificadas na competição apresentaram melhores desempenhos gerais. Entretanto, nas equipes masculinas, o mesmo não se evidenciou, pois a equipe classificada em primeiro lugar (78,89%) apresentou menor desempenho geral se comparada com a equipe classificada em segundo lugar (79,63%). Enquanto essa equipe obteve melhor desempenho nas ações de recepção (84,78%), levantamento (85,18%) e bloqueio (78,52%), a equipe classificada em primeiro lugar obteve melhor desempenho nas ações de saque (72,07%), ataque (77,69%) e defesa (84,25%). A partir desses resultados, principalmente dos dados encontrados pelas equipes masculinas, pode-se concluir que o desempenho geral nas ações técnico-táticas não está diretamente ligado à classificação final do campeonato. Entretanto, o melhor desempenho do saque e do ataque, consideradas ações terminais e que atuam diretamente na obtenção do ponto, influenciam diretamente no resultado final. Considerando as equipes femininas, os desempenhos nas ações técnico-táticas influenciaram diretamente na classificação final do campeonato. É importante destacar que os estudos disponíveis na literatura atual, que abordam essa temática ainda são escassos e, em sua maioria, não conclusivos.

**Palavras-chave:** Voleibol. Ações técnico-táticas. Categoria infantil.

## A influência das atividades de cooperação e não competição na Educação Física Escolar para o desenvolvimento da liderança

Gislaine Zanoto Rech

A Educação Física Escolar possui a característica de interferir positivamente no relacionamento entre as crianças, melhorando seu comportamento social. Dessa forma, o presente estudo objetivou verificar o grau de relacionamento de escolares das séries iniciais e a conseqüente influência de um programa de Educação Física com ênfase em atividades cooperativas e não competitivas na coesão do grupo e no desenvolvimento da liderança dos alunos. Os participantes da pesquisa somaram 22 estudantes, sendo 12 meninas e 10 meninos com idades entre 10 e 11 anos, do 4º ano de uma escola estadual de Ensino Fundamental, do Município de Campestre da Serra, no Estado do Rio Grande do Sul. Como instrumento para a coleta das informações, utilizou-se o teste sociométrico para atividades esportivas, composto de quatro perguntas e realizado em dois momentos da investigação: o primeiro, antes da aplicação do programa de atividades cooperativas e não competitivas, e o outro, no fim da referida intervenção. Os resultados foram analisados através dos dois mapas sociométricos. Para o presente estudo, foi analisada exclusivamente a pergunta relacionada com a liderança. O programa de atividades constou de 20 encontros, ao longo de três meses de aula. Na análise dos resultados, notou-se melhora na coesão do grupo, principalmente na relação entre os sexos no tocante à questão da liderança, com um aumento de 80% nas escolhas no quesito *liderança* em comparação com o primeiro teste. No primeiro momento, houve cinco escolhas entre os grupos, passando para nove escolhas no segundo teste. Acreditamos que o resultado seja pela proposta de que eles não competissem entre si, ajudando-se mutuamente, o que despertou possivelmente, nas crianças, um respeito maior e um conhecimento mais profundo entre eles. Acreditamos que a participação mais conjunta nas atividades, a possibilidade de tomar iniciativas, mostrando suas qualidades para os demais resultaram,

assim, na modificação da distribuição das opções do grande grupo a respeito de lideranças e, conseqüentemente, no fortalecimento da coesão grupal. Conclui-se, no fim deste trabalho, que a possibilidade de tomar iniciativas, de serem protagonistas nas atividades, possibilitou que eles enxergassem nos outros as qualidades necessárias para representá-los, refletindo na transformação do mapa sociométrico, no que diz respeito à escolha das lideranças, fortalecendo, assim, a coesão grupal em escolares.

**Palavras-chave:** Liderança. Teste sociométrico. Cooperação.

## **Colocando a iniciação em jogos coletivos em prática: uma experiência piloto**

Leonardo Graffius Damasceno – Mariana França Machado –  
Otávio Tavares

As metodologias de ensino dos esportes coletivos propõem formas organizadas e sistematizadas gerando ambientes de aprendizado favoráveis. Um estudo exploratório realizado na Grande Vitória – ES demonstrou que métodos parciais a partir de princípios analítico-sintéticos (DIETRICH; DURRWÄCHTER; SCHALLER, 1984) são os mais utilizados. O presente trabalho surgiu do interesse de conhecer outras metodologias de ensino de esportes coletivos de quadra para crianças. As metodologias tradicionais derivam dos princípios analítico-sintéticos e global-funcionais. (DIETRICH; DURRWÄCHTER; SCHALLER, 1984). Entre as novas correntes metodológicas podemos citar o método de Iniciação Esportiva Universal (IEU). No ano de 2010, iniciamos os estudos referentes à IEU e desenvolvemos um projeto piloto “Iniciação em Jogos Coletivos”. A capacitação inicial foi feita pelo professor Pablo Greco. Foi criada uma turma composta de 20 alunos na faixa etária de 8 a 10 anos, sempre às terças e quintas-feiras, no horário das 15h às 16h30min. As aulas foram ministradas por grupos de quatro alunos, que se revezavam em escala preestabelecida. As crianças que compunham a turma foram escolhidas do programa de reforço escolar da Prefeitura de Vitória – ES em parceria com a Universidade Federal do Espírito

Santo – ES, nas dependências do Centro de Educação Física e Desportos. Foram planejadas 14 aulas seguindo as atividades propostas em “Escola da Bola”. (KRÖGER; ROTH, 2002). Para avaliar os efeitos das atividades, foram aplicados os testes KTK – *Körperkoordinations Test fur Kinder* (EHLING; GRECO, 2005) e THT – Teste de Habilidades Técnicas. (GRECO, 2006). O uso do KTK permitiu que se avaliasse a coordenação motora de cada aluno. Já o THT permitiu que se avaliassem as habilidades técnicas da criança. Em função de questões contratuais, o programa foi suspenso; assim, os retestes não foram realizados. Uma análise das aulas indica que o espaço físico e a experiência docente parecem ser fatores intervenientes para a efetividade do método. Embora as atividades com as crianças tenham sido bastante limitadas, a revisão da literatura indica que a metodologia aplicada oportuniza a formação de jogadores inteligentes com capacidade de tomar decisões e de se adaptarem às diversas condições que a dinâmica de um jogo oferece, e a reflexão sobre as experiências pode ser avaliada como positiva para a formação docente, servindo de base sólida para o prosseguimento do projeto.

#### Referências

- DIETRICH, K.; DURRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. *Os grandes jogos: metodologia e a prática*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1984.
- EHLING, A-K.; GRECO, P. J. *Manual de testes*. 2005. Apostila do curso de capacitação em IEU/EB oferecida pelo Prof. Pablo Juan Greco, Vitória, 2010.
- GRECO, P. J. *Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998. v. 2.
- KRÖGER, C.; ROTH, K. *Escola da Bola*. São Paulo: Phorte, 2002.
- MANUAL DE TESTES: habilidades técnicas – THT, 2006. Apostila do curso de capacitação em IEU/EB oferecida pelo Prof. Pablo Juan Greco, Vitória, 2010.
- OLIVEIRA, A. A. B. de; PERIM, G. L. (Org.). *Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão à prática*. Maringá: Eduem, 2009.

## Transferência bilateral no futsal feminino escolar

Janaína Scopel Fae

Na prática de futsal, por suas características, em alguns momentos, se faz necessário que o praticante desenvolva as habilidades pertinentes ao esporte com o pé/perna não dominante, necessitando, dessa maneira, de um ajuste motor adequado para cada momento. Para isso, é importante que no processo de ensino e aprendizagem das habilidades seja evidenciada a transferência bilateral de aprendizagem, ou seja, a execução de uma mesma tarefa, porém com o membro contrário ao usualmente utilizado. Na atualidade, a prática de futsal na escola não se limita apenas ao sexo masculino. Vem crescendo o número de meninas adeptas do futsal, tanto na escola como fora dela. Porém, nessa modalidade, o atraso no processo de aprendizagem de habilidades motoras, em especial intermembros, é ainda maior, pois, embora venha aumentando a procura pelo esporte, são poucos os locais onde essa clientela pode realmente adquirir ou aprimorar suas habilidades, já que esse é um esporte tipicamente masculino. Diante disso, pretendeu-se com este trabalho investigar a influência de um programa de treinamento na incidência de transferência bilateral em estudantes do sexo feminino durante a prática de futsal. Os participantes do estudo foram oito estudantes do sexo feminino com idade entre 11 e 12 anos, da 5ª série de uma escola do Município de Ipê – RS. Para avaliação do efeito da prática na ocorrência de transferência bilateral, a pesquisa consistiu de teste e reteste intercalados por um período de prática, utilizando membros dominantes e não dominantes, tanto nos testes como no processo de aprendizagem. Os testes consistiram em analisar três componentes técnicos do futsal: passe, chute e condução de bola. A análise estatística foi feita pelo teste *T de Student*, com  $p < 0,05$ . Os resultados apontaram que as habilidades *chute e condução de bola com a perna não dominante* (ND) e o *chute com a perna dominante* (D) apresentaram diferença significativa, levando-se em conta os resultados dos testes iniciais e finais. Nas demais habilidades, não foram observadas diferenças significativas na comparação entre os dois



momentos avaliados, porém todas tiveram melhora de desempenho. Com esses resultados, podemos concluir que um programa de atividades motoras adequado desenvolve as habilidades de futsal, de maneira a melhorar o nível de desempenho, inclusive, na utilização dos membros não dominantes, favorecendo o processo de transferência bilateral. Portanto, em uma aula de Educação Física ou no treinamento de habilidades específicas, é importante que o profissional elabore um programa adequado de atividades e que atenda às necessidades dos dois hemisférios corporais, ampliando o repertório motor dos indivíduos. Além disso, o praticante terá menor dificuldade na tomada de decisões diante das diversas situações que exijam um novo repertório motor.

**Palavras-chave:** Transferência bilateral. Futsal. Sexo feminino.

## A influência de projetos sociais esportivos no desempenho escolar

Carlos Gabriel Gallina Bonone – Karina Andrioli

Os projetos sociais educacionais, em especial os esportivos, vem se ampliando no Brasil. O presente estudo consistiu em pesquisar se a participação de estudantes dos dois últimos anos do Ensino Fundamental em projetos sociais esportivos extracurriculares, de cunho socioeducacional, influencia no desempenho escolar dos mesmos. A pesquisa teve caráter qualitativo, descritivo e transversal, e foi realizada através de entrevista semiestruturada e análise documental com oito indivíduos, sendo quatro alunos e quatro professores de uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bento Gonçalves – RS. Os alunos são estudantes que fazem parte de um projeto esportivo social e educacional há, no mínimo, dois anos. Os professores entrevistados são um de cada área estabelecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Foram analisadas as entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos e professores e se dividiu nas seguintes categorias de análise: desempenho escolar, atitudes,

comprometimento com a escola, frequência e influência do projeto nos alunos. Conforme o relato dos entrevistados, o esporte para os jovens se reafirma como forte influenciador na busca de melhoria de atitudes, principalmente na escola. Percebeu-se, através desse estudo, que os alunos participantes do projeto esportivo, na visão dos professores entrevistados, apresentam um diferencial quanto aos demais e evoluíram bastante na escola após seu início no projeto. Constatou-se, também, que, dentre as categorias de análise divididas neste estudo, a que mais apresentou mudanças visíveis, tanto na fala dos professores quanto na dos alunos, foi em relação às atitudes. Todos os professores entrevistados colocam que os alunos do projeto apresentaram uma grande melhora e um amadurecimento de suas atitudes em sala de aula. Os alunos, mesmo reconhecendo que nem sempre apresentam atitudes exemplares, relatam que o projeto influenciou positivamente na mudança de comportamento em aula. Ainda: tanto os professores como a grande maioria dos alunos reconhecem que o projeto esportivo exerceu influência positiva no seu desempenho escolar. Uma limitação apresentada por esse estudo deveu-se ao fato de que não se pode ter controle de outras variáveis que influenciam direta e indiretamente no desempenho escolar desses alunos, como a família, o ambiente social, problemas socioeconômicos, entre outros. Porém, podemos concluir que, de certa forma, os projetos sociais esportivos podem ser considerados um dos fatores de influência positiva no desempenho escolar dos estudantes do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Bento Gonçalves – RS, na qual esse estudo foi realizado, em especial na mudança de atitude e no comportamento dos alunos na escola. Porém, apresentou pouca influência com relação à melhora significativa das notas dos alunos.

**Palavras-chaves:** Projetos sociais esportivos. Jovens. Desempenho escolar.

## Programa atleta do futuro do Sesi: o esporte na perspectiva tática

Fernando Jaime González – Juan Prediger Garay –  
Robson Machado Borges

**Introdução:** Na contemporaneidade, o ensino dos esportes tem sido realizado sobre a perspectiva de um modelo tradicional, baseado na execução e reprodução de gestos motores. Entretanto, diferentes autores (BAYER, 2004; GARGANTA, 1998; GRAÇA, 1999; GRECO, 1999; TAVARES, 1998, entre outros) têm apontado que essa forma de ensino não possibilita uma aprendizagem que permite ao aluno uma apropriação efetiva do conhecimento necessário para sua prática eficaz. **Objetivo:** Tendo esse contexto como preocupação, desenvolveu-se uma investigação que buscou responder à seguinte questão: Quais são as consequências do desenvolvimento de um plano de ensino dos esportes realizado sobre a perspectiva da dimensão tática, em uma turma de alunos do programa “Atleta do Futuro” do Sesi? **Metodologia:** Os sujeitos foram oito alunos do gênero masculino, com idades entre 11 e 13 anos, escolhidos aleatoriamente, em uma turma do programa “Atleta do Futuro” do Sesi, em Panambi – RS. A investigação foi realizada em três etapas: a primeira compreendeu um diagnóstico, que consistiu na análise da filmagem dos alunos em um jogo com estrutura funcional reduzida. Nessa, identificou-se que 75% dos *erros* dos alunos, durante a atuação no jogo, relacionavam-se a problemas de ordem tática, vinculados a tomadas de decisão. Na segunda etapa, foi realizada a seleção de oito conteúdos de ensino, sendo eles: 1) recepcionar/dominar a bola; 2) proteger a bola; 3) observar antes de agir; 4) passar ao jogador desmarcado – em melhor condição; 5) progredir com a equipe para o ataque; 6) posicionar-se entre o atacante e o objetivo (marcação); 7) desmarcar-se para receber a bola; e 8) finalizar quando estiver em condições favoráveis. Na terceira etapa, aconteceu o planejamento de 16 aulas, sendo duas para cada conteúdo selecionado. **Resultados e análise:** As consequências do desenvolvimento de um plano de ensino de esportes voltado à perspectiva da dimensão tática proporcionaram uma considerável

mudança no conhecimento procedimental dos alunos. Essa afirmação sustenta-se com base: a) no resultado do processo avaliativo através das provas teóricas; b) na análise comparativa da ficha de avaliação do desempenho individual proposta por Gréhaigne (2001) realizada antes e após as 16 aulas; e c) na comparação dos vídeos realizados antes e após as aulas. **Conclusão:** O processo de ensino dos esportes deve ser proposto de forma que propicie aos alunos constantes oportunidades de tomar decisões durante as situações de jogo. No caso dessa pesquisa, observou-se que o desenvolvimento de uma proposta para o ensino de esportes, pautada na perspectiva da dimensão tática, mostrou-se profundamente produtiva. E isso, talvez, possa oferecer condições para que os participantes da investigação sintam prazer/satisfação em praticar modalidades esportivas, por se sentirem capazes de atuar de forma eficaz. Com isso, amplia-se a possibilidade de socialização/integração do aluno no meio em que está inserido.

**Palavras-chave:** Esporte. Tomada de decisão. Prática eficaz.

## O futsal caxiense: evidências históricas da sua origem

Cristian Giacconi – Francesca Chaida Sonda –  
Maria de Lourdes Giotto

O futebol de salão – atualmente futsal – teve sua origem no Uruguai, na década de 30 do século passado, mas foi no Brasil, nas décadas seguintes, que ele recebeu o maior impulso para o seu desenvolvimento. Com este trabalho objetivamos identificar os primeiros registros jornalísticos de sua origem no Sul do País, mais precisamente na cidade de Caxias do Sul, polo de desenvolvimento dessa prática esportiva. O trabalho baseou-se numa pesquisa histórica e bibliográfica, utilizando como fonte de informações jornais, informativos e impressos locais, tendo como recorte temporal os anos de 1950 até 1962, ano de fundação da “Liga Caxiense de Futebol de Salão”, que é a entidade gestora do esporte na cidade até a atualidade. Foram pesquisados 830 exemplares de 12 jornais e informativos editados no período definido, pertencentes ao Arquivo Histórico

Municipal João Spadari Adami, da cidade de Caxias do Sul. As notícias destacam que o futebol de salão surgiu na cidade, no ano de 1956, por meio de jovens esportistas caxienses que tomaram conhecimento dele através da Federação Gaúcha de Futebol de Salão, que fora fundada naquele ano, na cidade de Porto Alegre. Os registros jornalísticos apontam que as primeiras equipes foram formadas em 1956, a partir do conhecimento do esporte e de suas regras, na cidade de Porto Alegre, por jovens caxienses. As primeiras equipes foram organizadas a partir dos clubes de futebol amador já existentes na cidade e que começaram a jogar partidas amistosas entre si. Cronologicamente, as primeiras competições começaram a ocorrer em 1957. No ano seguinte, foi promovido o “Torneio de Futebol de Salão do Sesi”, competição ainda existente e mais antiga da cidade. O futebol de salão era comumente chamado, nas matérias jornalísticas, de “Futebol em Miniatura”, e seus praticantes eram os mesmos do futebol. Em 1959, a cidade já contava com 12 equipes estruturadas, sendo, inclusive, uma delas ligada a um clube de futebol profissional da cidade. O esporte ganhou força entre os jovens, por decorrência da realização de jogos internos nas duas maiores escolas secundárias da cidade. No ano de 1960, essas competições se transformaram em jogos escolares, proporcionando ao futebol de salão uma penetração entre os jovens inserindo-se, assim, nas escolas e ganhando muitos adeptos. Entre 1960 e 1961, os jornais cada vez mais noticiavam a organização de competições em todos os segmentos da sociedade, culminando com a fundação da “Liga Caxiense de Futebol de Salão”, no dia 12 de março de 1962. Concluimos que as notícias sobre as origens do futebol de salão na cidade de Caxias do Sul demonstram a influência direta do futebol (de campo) no seu desenvolvimento, por meio dos praticantes ou da formação das equipes dos clubes, sendo um esporte eminentemente adulto, mas que, com o passar dos primeiros anos, ganhou força entre os jovens.

**Palavras-chave:** Futsal. Caxias do Sul. Jornais. Futebol de salão.

## Esporte na escola e a visão dos alunos do Ensino Médio

Diego Pinto Dengo – Uilian Maciel de Almeida

No decorrer dos últimos anos, as opiniões de alunos e professores sobre o esporte (como conteúdo das aulas de Educação Física) vêm gerando uma série de questionamentos sobre de que maneira o tema deve ser trabalhado nas aulas da disciplina. No Ensino Médio, atualmente, a Educação Física é vista como forma de se conscientizar e manter a saúde, criando hábitos de vida ativos e saudáveis, evitando, assim, o sedentarismo e a obesidade. O presente estudo teve por objetivo diagnosticar a visão dos alunos sobre os conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio da rede pública da cidade de Vacaria – RS. Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva. A amostragem da pesquisa contou com cinco escolas estaduais de Ensino Médio de Vacaria, turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Participaram do estudo 117 alunos, 51 meninos e 66 meninas. Todos os alunos têm seus períodos de aula de Educação Física com 45 minutos de duração. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário com cinco questões fechadas, que abordaram os conteúdos propostos nas aulas e a motivação por parte dos alunos e familiares, validado por estudo piloto, realizado em uma turma de 30 alunos de um colégio particular da cidade de Vacaria. A análise dos resultados foi feita com base em estatística descritiva. Os resultados demonstraram que 82,5% geralmente gostam dos conteúdos das aulas de Educação Física. O esporte preferido para ser praticado nas aulas pelos meninos é o futsal (96%), e pelas meninas é o vôlei (92%). Os esportes, ou atividades, que os estudantes de Ensino Médio menos gostam de praticar, nas aulas de Educação Física, são basquete (14%), ginástica (12%) e atletismo (10,5%). Os objetivos pessoais dos alunos para as aulas de Educação Física dizem respeito a beneficiar a saúde (69,5%) dos entrevistados e aprender esportes (29,5%) dos alunos. Já com respeito à opinião dos pais dos estudantes, 43,5% deles incentivam a prática de atividades físicas fora da escola. Com base nos dados obtidos, concluímos que a opinião dos alunos está de acordo com a realidade vivenciada no dia a dia escolar, e que a não diversificação dos conteúdos, no processo de ensino e aprendizagem,

resulta numa repetição, que não estimula os alunos ao aprendizado de esportes diferentes daqueles mais tradicionais. Concluímos, também, que como os alunos veem na Educação Física uma maneira de beneficiar a saúde e o aprendizado de esportes, essas duas situações podem e devem ser trabalhadas conjuntamente, assim como prega a abordagem da saúde renovada. Dessa forma, o aluno passará a valorizar e dar maior sentido à disciplina durante o Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Esporte na escola. Educação Física. Ensino Médio.

## Fatores motivacionais determinantes da prática de esportes coletivos

Diego Pinto Dengo – Uilian Maciel de Almeida –  
Vitor Mateus da Silva Nascimento

Em diversos estudos sobre a psicologia do esporte, a motivação é um dos temas que gera maior discussão por parte dos pesquisadores. Considerada um processo interno, pode também sofrer influências do meio externo. A motivação é um aspecto importante para se obter êxito esportivo; portanto, é indispensável que professores saibam as reais intenções dos alunos, quando esses buscam a prática esportiva orientada, principalmente em esportes coletivos. Assim sendo, o presente estudo pretendeu identificar os motivos que levam os adolescentes de Vacaria – RS a praticarem esportes coletivos, norteando, dessa forma, o trabalho pedagógico de professores de um projeto socioesportivo. A amostra foi composta por crianças e adolescentes, com idade entre 10 e 15 anos, sendo 36 meninos e 28 meninas, todos alunos do projeto “Olímpico 2016”, coordenado pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, da cidade de Vacaria – RS. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário adaptado do Inventário de Motivação para a Prática Desportiva, de Gaya e Cardozo, composto de 19 questões fechadas, subdivididas em três grupos: *rendimento esportivo, saúde e amizade/lazer*. As possibilidades de repostas eram três: pouco importante, importante e muito importante. A análise dos dados foi feita através da estatística

descritiva, por meio de percentuais. Os resultados foram agrupados pelos grupos de questões do questionário e apontaram que 66,2% dos entrevistados consideram o rendimento esportivo como *muito importante*; 30,8% o consideram *importante*, e 3,1% veem o rendimento esportivo como *pouco importante*. Já as questões relacionadas à saúde apontaram que 50,8% a consideram *muito importante*, 44,6%, *importante*, e 4,6%, *pouco importante*. Com relação às questões ligadas à amizade ou ao lazer, 14,1% dos entrevistados opinaram que essa área é *muito importante*, 50% a consideram *importante*, e 35,9%, *pouco importante*. Os dados nos fazem perceber que os adolescentes de Vacaria – RS, que buscam atividades esportivas coletivas orientadas, se preocupam muito com o rendimento e sonham em ser atletas profissionais, além disso, sabem da importância da atividade física como manutenção da saúde e se preocupam pouco com os fatores sociais de amizade e lazer proporcionados pelos esportes. Portanto, concluímos que o trabalho pedagógico dos professores que trabalham com esportes coletivos, em Vacaria, deve auxiliar os alunos a entenderem que, através do esporte, podem ser construídas amizades e que ainda o esporte visto como lazer pode ser mais prazeroso do que o visto apenas como rendimento.

**Palavras-chave:** Motivação. Adolescentes. Esportes coletivos.

## Níveis de ansiedade-traço competitivo em goleiros de futebol de base

Daniel Ricardi Crizel da Silva – Uilian Maciel de Almeida

Como se trata de uma posição em que qualquer erro torna-se fatal, os goleiros de futebol competem em constante pressão. O sucesso na função exige bom desempenho técnico, físico e tático, mas é fundamental que os goleiros tenham um excelente controle emocional, pois esses são a última barreira defensiva de suas equipes. Na adolescência, o nível de ansiedade pode ser mais elevado, devido às poucas experiências anteriores como atletas, podendo, assim, influenciar no desempenho esportivo de jovens esportistas. Tentando



compreender essas características emocionais dos jovens goleiros, este estudo pretende analisar o nível de ansiedade-traço competitiva em goleiros participantes do XVII Regional Serrano de Escolinhas do Rio Grande do Sul, analisando a ansiedade dos goleiros das quatro equipes semifinalistas da competição, nas categorias SUB-15 e SUB-17. Foram investigados 13 atletas, sendo seis na categoria SUB-17 e sete na SUB-15. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o questionário de ansiedade pré-competitiva de Martens. Os goleiros responderam ao questionário na saída do vestiário para o aquecimento antes dos jogos, cerca de 30 minutos antes do início das partidas semifinais da referida competição. A análise dos dados mostrou, na categoria SUB-17, uma média de 17,1 pontos e, na categoria SUB-15, uma média de 17,8 pontos, o que corresponde a uma média geral de 17,4 pontos. Quanto à titularidade dos avaliados, constata-se que os oito atletas titulares apresentaram uma média de 17,6 pontos, enquanto os cinco goleiros-reserva ficaram com uma média de 17,4 pontos, praticamente sem diferença significativa. A categoria com atletas mais jovens e a dos atletas-titulares apresentaram uma média um pouco maior, fazendo atentar que a experiência realmente é um dos fatores que pode alterar os níveis de ansiedade. Acreditamos também que outros fatores podem alterar a ansiedade dos goleiros, porém que não foram avaliados no presente estudo, tais como: o âmbito da competição (municipal, regional, estadual, nacional ou internacional), a fase da competição, no caso semifinal e as experiências anteriores do goleiro. A média geral do grupo corresponde a uma ansiedade média ou moderada. Assim sendo, concluímos que a ansiedade de jovens goleiros de futebol mantém-se dentro dos patamares ideais apregoados pela literatura especializada, no que se refere ao nível de ativação e ansiedade pré-competitiva. Assim consideramos que, mesmo durante a adolescência, o nível de ansiedade para jovens praticantes esportivos, no caso goleiros de futebol, apresenta-se sob controle. Por fim, parece que mesmo na juventude os goleiros de futebol apresentam um controle emocional adequado para a sua prática esportiva, fazendo com que seu sucesso na função se relacione mais a outros fatores, como capacidades e habilidades motoras, por exemplo.

**Palavras-chave:** Futebol. Goleiro. Ansiedade pré-competitiva.

## Fatores motivacionais: questões de gênero na prática esportiva

Uilian Maciel de Almeida – Vitor Mateus da Silva Nascimento

Em um contexto histórico, as questões de gênero apontam para uma discussão acerca de inúmeros fatores culturais. Além das diferenças fisiológicas entre meninos e meninas, alguns outros fatores também geram debate. Na prática de atividades esportivas, são diversos elementos que distiguem meninos de meninas. Para tanto, traçamos como objetivo para este estudo relacionar os motivos para adesão e permanência no esporte entre gêneros. A amostragem foi composta por crianças e adolescentes, com idade entre 10 e 15 anos, sendo 36 meninos e 28 meninas, todos alunos do projeto “Olímpico 2016”, coordenado pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, da cidade de Vacaria – RS. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário adaptado do Inventário de Motivação para a Prática Desportiva, de Gaya e Cardozo, composto por 19 questões fechadas, subdivididas em três grupos: rendimento esportivo, saúde, e amizade/lazer. As possibilidades de respostas eram três: muito importante, importante e pouco importante. Os dados foram tabulados em planilha do *Microsoft Excell* e analisados através do Teste qui-quadrado de Pearson por meio do programa *SPSS for Windows 20*. Os resultados foram agrupados pelos grupos de questões do questionário e nos mostraram que para cerca de 70,3% dos meninos o rendimento é *muito importante*, para 27% é *importante* e para 2,7% é *pouco importante*. Já no mesmo grupo de questões, para 60,7% das meninas o rendimento é *muito importante*, para 35,7% é *importante* e já para 3,6% é *pouco importante*. No segundo grupo de questões, que falavam sobre saúde, os dados analisados apontaram que esse fator é *muito importante* para 51,4% dos meninos, para 45,9% é *importante* e para 2,7% é *pouco importante*. Por outro lado, as meninas tratam as questões ligadas à saúde como *muito importante* para 50%; *importante* para 42,9% e *pouco importante* para 7,1%. No terceiro grupo de questões, aquelas ligadas à amizade e ao lazer, os meninos demonstraram que 13,9% o consideram *muito importante*; 58,3%,

*importante*, e 27,8%, *pouco importante*. Ainda no mesmo grupo de questões, 14,3% das meninas consideraram *muito importante*; 39,3% delas, *importante*, e 46,4%, *pouco importante*. A análise estatística apontou que não houve diferença significativa entre as respostas dos meninos e das meninas, num nível de significância de  $p \leq 0,05$  em todos os grupos de questões analisados. Com base na pesquisa, observamos diferenças não significativas entre as respostas dos meninos e das meninas. Assim, percebemos que os fatores buscados para se iniciar e/ou permanecer em um determinado esporte, atualmente, não sofrem influências sociais e culturais que atinjam questões de gênero.

**Palavras-chave:** Questões de gênero. Adolescentes. Motivação.

## Efeito retórico no discurso: um estudo preliminar no futebol

Luísa Mocelin Fonseca

O futebol brasileiro é uma forma de manifestação e de expressão do jeito brasileiro de ser. As manifestações presentes no cotidiano do futebol representam, de certa maneira, as mesmas presentes na sociedade. Nesse sentido, a vida cotidiana influencia na linguagem do futebol e da linguagem do futebol transfere-se para o cotidiano das pessoas. A retórica investiga as relações entre forma e conteúdo, visto que uma proposição pode ser expressa de diversas maneiras. Os efeitos das formas sob os conteúdos são altamente evidentes, e isso faz com que não exista nenhuma proposição livre de retórica. Assim, a retórica também está presente no contexto futebolístico, cujos jogadores buscam formas de transmitir suas mensagens, fazendo com que o futebol apresente uma linguagem carregada de expressões, neologismos, gírias e metáforas. Partindo do conceito básico de que a retórica estuda o efeito das formas sobre os conteúdos, pretende-se com este trabalho estudar a retórica dos jogadores brasileiros de futebol profissional no momento de saída de campo. O trabalho foi apoiado metodologicamente na pesquisa de viés qualitativo e de característica descritiva. O estudo foi feito tendo como objeto de análise as

entrevistas dos jogadores brasileiros de futebol durante o Campeonato Brasileiro de 2010 e 2011 e durante a Copa do Brasil de 2011. Foram analisadas as entrevistas através de vídeos gravados e postados na página da internet *youtube*, no momento da saída de campo de jogo, haja vista que é nesse momento que a linguagem do atleta é mais espontânea e natural, ficando livre de cuidados e posicionamentos mais “políticos”. Uma das características marcantes do discurso dos jogadores de futebol é a presença constante de afirmações que destacam a qualidade do adversário, tanto após um resultado positivo, quanto negativo. Além disso, é frequente o destaque para a superação da equipe, principalmente diante dos resultados adversos. Tais discursos, quando relacionados com o fato de que o adversário é de qualidade, tentam mostrar o grau de esforço feito para garantir a vitória. Se a vitória acontece, o discurso acaba por demonstrar o quanto os jogadores são bons. No entanto, se a vitória não acontece, os jogadores se resguardam, na medida em que o adversário é muito forte, e vencê-lo seria quase impossível. Para esta pesquisa, procurou-se selecionar trechos de entrevistas que apresentassem diferentes modelos de retórica. Nos seus discursos, os jogadores tentam salientar sua imagem de vencedores perante os torcedores, que são os principais interessados nesses discursos. O uso de um grau relativamente alto de retórica nas suas falas é frequente e até mesmo inevitável. A preocupação com a imagem construída pelo discurso existe, ainda que o nível cultural da maioria dos jogadores brasileiros possa ser considerado baixo. Concluiu-se que a retórica no discurso desses atletas transita por duas linhas: uma delas busca mostrar uma relação de amor ao time. Assim, é um discurso afirmando uma condição mais afetiva do que profissional. A outra linha diz respeito ao esforço. É uma retórica que procura mostrar o esforço do trabalho. Entende-se como uma mensagem direta para os torcedores, que são a razão do esforço no momento do jogo, independentemente do resultado obtido.

**Palavras-chave:** Retórica. Futebol. Discurso.

## Os pais na iniciação desportiva de escolares: a reunião de pais participativa

Edson Souza de Azevedo – Tiaraju Borba Ferreira

Este relato de experiência apresenta as impressões acerca de momentos vividos durante a participação na disciplina de Educação Física nas reuniões de pais participativas, ocorridas no ano letivo de 2011, na turma do 3º ano C dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação da UFSC. Considera-se iniciação desportiva o primeiro passo, dentro de um processo educacional de formação desportiva, que visa ao contato inicial com jogos desportivos de maneira lúdica e prazerosa. Sendo fundamental a importância do papel dos familiares, constatou-se a necessidade de desenvolver um instrumento que incentivasse a participação dos pais/responsáveis nesse processo. Dentro das atividades do plano docente, a reunião participativa foi considerada o espaço ideal para o desenvolvimento desse instrumento, já que possibilita aos pais e responsáveis vivenciarem junto com seus filhos um pouco das práticas apresentadas durante as aulas. Para as crianças, os “jogos coletivos” foram os momentos mais significativos nas aulas de Educação Física. Com isso, explicar aos pais e/ou responsáveis que esses jogos são eficientes instrumentos educativos tornou-se fundamental para o entendimento dos conteúdos trabalhados e, ainda, por mostrar a importância da presença deles no processo de iniciação e formação desportiva das crianças. Durante o ano letivo, ocorreram três reuniões, no fim de cada trimestre. Em todas as reuniões, seguiu-se uma sistematização: a) no primeiro momento, relatou-se aos pais o trabalho desenvolvido com o conteúdo “jogos coletivos”, ressaltando fatos e curiosidades que apareceram durante as práticas; b) no segundo momento, os alunos explicaram para seus pais o jogo escolhido por eles. Este jogo foi previamente apresentado e trabalhado com os alunos durante as aulas, abordando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais; c) no terceiro momento, a própria turma dividiu-se em equipes; e d) no quarto momento, adultos e crianças jogaram e se divertiram. As relações cooperativas entre pais/responsáveis e filhos, observadas durante os jogos, demonstraram a importância da

participação que esses têm na vida escolar de seus filhos e, principalmente, nos momentos de lazer da vida cotidiana deles, contribuindo, consideravelmente, no processo de iniciação desportiva. Assim, podemos afirmar que a reunião de pais participativa foi uma maneira eficiente de incluir a disciplina de Educação Física nas atividades educativas da escola, de forma integrada e interdisciplinar, fazendo com que os pais/responsáveis, jogando e se divertindo com seus filhos, percebam a importância de um processo participativo na formação desportiva.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Iniciação desportiva. Jogos coletivos.

## **Atletas no Ensino Médio: motivação e participação nas aulas de Educação Física**

Marco Aurélio Cardoso – Renata Ramos Goulart

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de elucidar como está o nível de participação, nas aulas de Educação Física, de alunos que são praticantes de modalidades esportivas extracurriculares, de alto rendimento, mostrando, também, quais são as modalidades em que há maior índice de praticantes e tempo de treinamento. Caracterizado como um estudo qualitativo, de caráter descritivo, realizou-se em 15 instituições de ensino, sendo públicas e privadas, da cidade de Bento Gonçalves – RS, com alunos que estavam matriculados no Ensino Médio e que praticavam algum esporte em alto rendimento. O instrumento utilizado para a coleta de informações foi um questionário, formado com questões fechadas, em forma de entrevista presencial durante as aulas de Educação Física. Os resultados apontaram que 64% eram meninos, 37% tinham 15 anos, 71% estavam no 1º ano do Ensino Médio, 78%, em instituições públicas, 40% praticavam futebol, 41% há mais de quatro anos, 39% de três a cinco anos, 71% acreditam que a disciplina de Educação Física na escola é muito importante, fazendo com que 93% participem da aula frequentemente, sendo que 72% se sentem muito motivados ao participar das aulas de Educação Física.

Deles, 86% gostam de atividades com bola. Relatou-se, então, que mesmo com todas as vivências diferentes que esses alunos possuem, em relação às atividades físicas, vistas fora da escola e o fato que nas aulas de Educação Física não se tem o objetivo de trabalhar os alunos voltados ao alto rendimento, esses demonstraram que procuram participar frequentemente das aulas, tendo conhecimento sobre sua importância na aprendizagem físico-motora e, com isso, se sentem motivados a participar das mesmas.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Motivação. Esporte de alto rendimento.

## **Pedagogia dos esportes de aventura: uma revisão sistemática**

Luiza Isnardi Cardoso Ricardo – Pedro Augusto Crespo da Silva –  
Rodrigo Wiltgen Ferreira

A concepção dos esportes de aventura como fenômeno cultural esportivo ainda é recente. As primeiras evidências da prática desses esportes surgiram na década de 70 (séc. XX). Já as primeiras publicações acerca dos esportes de aventura são mais recentes, pois datam da década de 90 do séc. XX, na tentativa de pesquisadores, das diversas áreas do conhecimento, compreenderem melhor esses esportes. Entretanto, ainda não existe um consenso quanto ao conceito de esporte de aventura, e, talvez, a falta desse contribua para a superficialidade dos discursos elucidados na literatura científica. De antemão, evidencia-se que ainda são tímidas as discussões acerca desses esportes dentro da área de Educação Física, em especial dentro da área pedagógica dos esportes. Portanto, o objetivo deste estudo é verificar a significação pedagógica das recentes publicações que abordam o tema *esportes de aventura*. Foi realizada uma revisão sistemática de literatura na base de dados Scielo, com os seguintes termos: aventura; atividade de aventura; esporte na natureza; esporte de ação; esporte de aventura; e atividade física de aventura na natureza. Foram incluídos no presente estudo artigos nacionais publicados nos

últimos dez anos. Na busca inicial foram obtidos 82 artigos, e, após a análise dos mesmos, restaram oito artigos elegíveis para o estudo. Foram excluídos artigos que não contemplavam ou contemplavam parcialmente a perspectiva pedagógica dos esportes de aventura. Os apontamentos desvelam que os esportes de aventura têm por característica o envolvimento do ambiente natural ou *selvagem*, portanto um ambiente inóspito/desconhecido. A consequência disso é o deparar-se com o inesperado e/ou desafio. Nesse sentido, os esportes de aventura lidam tanto com fatores internos ao indivíduo (medo, coragem) quanto com fatores externos (clima, relevo), que podem ser relacionados à experiência prévia do sujeito, bem como à técnica específica para a modalidade. Com isso, a ação pedagógica torna-se dificultosa, pois, mesmo com um planejamento prévio das atividades, o meio terá papel imprevisível. Esta é a dificuldade do processo pedagógico: *domesticar* o ambiente para que as ações possam ter certo controle, e os esportes de aventura se tornem acessíveis à sociedade. No presente estudo, esta dificuldade do processamento pedagógico do esporte de aventura ficou evidenciada, pois somente dois artigos tentam explicitamente dar ênfase educacional às práticas de esportes de aventura; quanto ao restante, tenta por meio do entendimento simbólico do esporte analisar sua ação na construção do indivíduo. Portanto, evidenciou-se que, no campo pedagógico dos esportes de aventura, a literatura ainda é muito tímida, as publicações recentes ainda têm grande dificuldade de incorporar os conhecimentos pedagógicos junto com o esporte de aventura. Sugerem-se maiores estudos sobre o tema para que, no futuro, esses esportes possam integrar, efetivamente, os currículos de cursos de Educação Física.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Esporte de aventura. Aventura.



## Desenvolvimento motor em relação aos estágios de habilidades motoras fundamentais

Cesare Augusto Marramarco – Denise Casagrande –  
Maria de Lourdes Giotto – Rubiana Madruga Sganzerla

As habilidades motoras fundamentais são movimentos básicos e a base para a aquisição de habilidades específicas. Apresentam-se em estágios e devem estar amadurecidas ao redor dos 7 anos de idade. As condições ambientais, as oportunidades de prática, a estimulação e a maturação são fatores que influenciam diretamente na aquisição dessas habilidades. Com isso, o objetivo do presente estudo foi verificar a adequação do desenvolvimento motor de crianças em relação aos estágios de habilidades motoras fundamentais de locomoção, estabilização e manipulação com a faixa etária correspondente em três crianças. As habilidades sorteadas para este estudo foram: pulo ou passada (locomoção), caminhada direcionada (estabilização) e rebater com bastão (manipulação). Para análise dos estágios dessas habilidades, utilizou-se a sequência desenvolvimentista sugerida por David Gallahue. Foram analisadas as características do estágio inicial em uma criança de 5 anos, as características do estágio elementar em uma criança de 8 anos e as características do estágio maduro em uma criança de 12 anos. Essas crianças foram filmadas e fotografadas frontal e lateralmente executando as habilidades propostas para posterior análise. Os pais ou responsáveis autorizaram a participação das crianças através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a análise, observou-se que na habilidade *pulo* ou *passada* a criança de 5 anos, enquadrada no estágio inicial, apresentou todas as cinco características analisadas no estágio inicial. A criança de 8 anos, enquadrada no estágio elementar, apresentou, do total de sete características analisadas, cinco no estágio elementar e duas no estágio maduro. A criança de 12 anos, enquadrada no estágio maduro, apresentou, do total de seis características analisadas, cinco no estágio maduro e uma no estágio inicial. Na habilidade *caminhada direcionada*, a criança de 5 anos apresentou, do total de seis características analisadas, três no estágio inicial, uma no estágio

elementar e duas no estágio maduro. A criança de 8 anos apresentou, do total de sete características analisadas, cinco no estágio elementar e duas no estágio maduro. A criança de 12 anos apresentou todas as sete características analisadas no estágio maduro. Na habilidade *rebater com bastão*, a criança de 5 anos apresentou, do total de seis características analisadas, três no estágio inicial e três no estágio elementar. A criança de 8 anos apresentou, do total de cinco características analisadas, uma no estágio elementar e quatro no estágio inicial. A criança de 12 anos apresentou, do total de sete características analisadas, uma no estágio maduro, três no estágio inicial e três no estágio elementar. Através da análise, concluiu-se que os melhores resultados foram obtidos na caminhada direcionada, seguida pelo *pulo* ou *passada*. A habilidade de *rebater com bastão*, provavelmente pelo fato de ser menos estimulada e menos praticada pelas crianças, teve resultados aquém do esperado se comparados às duas outras. Concluiu-se, também, que a criança, enquadrada no estágio maduro, apresentou resultados aquém do esperado para a sua idade, principalmente na habilidade *rebater com bastão*.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento motor. Habilidades motoras fundamentais. Estágios.

## **Análise de ansiedade em bailarinos amadores de danças tradicionais gaúchas**

Carlos Gabriel Gallina Bonone – Marcos Vinicius da Silva

As danças tradicionais gaúchas são reverenciadas no RS e ganham espaço em festivais nacionais e internacionais, tendo no Encontro de Artes e Tradições Gaúchas (Enart) o ponto mais alto de sucesso, reunindo centenas de bailarinos amadores, provocando alto nível de ansiedade. O objetivo geral foi identificar o nível de ansiedade pré-competitiva em bailarinos amadores de danças tradicionais gaúchas de Caxias do Sul, tendo por objetivos específicos: comparar os resultados entre os CTGs participantes, os resultados quanto ao gênero, os

resultados referentes à idade e os resultados referentes ao tempo de prática (< ou = 3 anos e > 3 anos). A população foi composta por 120 bailarinos de cinco CTGs da cidade, sendo a amostra distribuída em 65 bailarinos (masculinos) e 55 bailarinos (femininos). O instrumento utilizado foi o SCAT, um questionário fechado, que avalia a ansiedade-traço e o estado e é distribuída de 10 a 12 pontos (baixa ansiedade), de 13 a 16 pontos (média-baixa), de 17 a 23 pontos (média), de 24 a 27 pontos (média-alta), e, acima de 28 pontos (alta ansiedade). Na análise estatística, foi utilizado o programa SPSS 17.0. Após expor os objetivos ao coordenador dos CTGs e aos seus integrantes, foi aplicado o instrumento 30 minutos antes da apresentação na inter-regional do Enart. A idade mediana ficou em 20 anos, sendo a menor em 19 e a maior em 24 anos. Nos resultados através do instrumento, verificou-se que a mediana ficou em 20 pontos, com a menor em 19 e a maior em 21 pontos. Quanto à população, verificou-se que o gênero masculino foi maior em quatro CTGs e em um CTG essa população foi menor e no tempo de prática verificou-se que em dois CTGs todos os bailarinos tinham mais de 3 anos enquanto em três CTGs existiam bailarinos com menos de 3 anos. Na comparação entre os CTGs percebeu-se não existir uma diferença significativa, pois a classificação ficou em *média ansiedade* (de 17 a 23 pontos) e na comparação entre gêneros, verificou-se que ambos também se encontraram na classificação de *média ansiedade*. Na comparação entre as faixas etárias, verificou-se que não existe uma diferença significativa quando comparada às faixas de 15 a 20, de 21 a 25 e de 26 a 30 anos, mesmo que o valor da mediana venha a diminuir com o passar dos anos. Porém, existe uma diferença significativa na comparação dessas com a faixa etária acima de 30 anos, o que leva a concluir que quanto > for a idade < é o nível de ansiedade apresentado. Na análise da comparação entre o tempo de prática, percebeu-se não existir uma diferença significativa, pois em ambos os bailarinos (< ou = 3 anos; > 3 anos) a classificação final ficou em *media ansiedade*. Tais resultados apontaram não existir diferença significativa no nível de ansiedade quando comparados: CTGs, gênero e tempo de prática. Porém, verificou-se que existe diferença significativa nas faixas etárias, pois quanto maior for essa, menor será o

nível de ansiedade do bailarino, chegando a *ansiedade média-baixa* para aqueles acima de 30 anos.

**Palavras-chave:** Ansiedade. Bailarinos amadores. Danças gaúchas.

## Transferência de aprendizagem do passo longitudinal no Bolero e na Salsa

Natália Garibaldi – Wagner Ricardo Padilha

Sabendo que o passo longitudinal na Dança de Salão é utilizado em diversos ritmos de dança, este trabalho buscou verificar o grau de dificuldade para sua execução, analisando a veracidade de que o mesmo se torna melhor compreendido quando iniciado no ritmo Bolero e posteriormente sua aprendizagem transferida para o ritmo Salsa. Foi por interesse, também, que se buscou saber se o mesmo pode ser considerado uma transferência de aprendizagem intertarefa, que diz respeito à influência que a prática de uma determinada habilidade tem na aprendizagem de outra habilidade, ou seja, a transferência entre habilidades diferentes, buscando, também, caracterizá-la como transferência de aprendizagem positiva ou negativa. Na primeira opção, ocorre quando a experiência com uma habilidade ajuda ou facilita o desempenho da habilidade em um novo contexto ou na aprendizagem de uma nova habilidade, ou, então, na segunda opção, que ocorre quando a experiência com uma habilidade impede ou interfere no desempenho da habilidade em um novo contexto ou na aprendizagem de uma nova habilidade. A atividade foi realizada com 23 alunos de Educação Física que manifestaram pouco ou nenhum contato com a Dança de Salão. A aula foi dividida em momentos nos quais foram trabalhadas: demonstrações, técnica e adaptação do movimento aos diferentes ritmos. De início, os alunos foram instruídos por uma aluna do curso com experiência em danças avaliada, iniciando com uma breve demonstração do passo que deveria ser executado pelos alunos para que, posteriormente, com o auxílio de músicas, nos dois ritmos analisados, fosse possível diagnosticar as atividades e suas possíveis dificuldades de adaptação durante a execução entre um ritmo e outro.

Verificou-se que a transferência de aprendizagem, do passo longitudinal do ritmo Bolero para o ritmo Salsa, pode ser considerada uma transferência intertarefa positiva de aprendizagem, pois, após compreender o movimento, bem como a importância da transferência de peso de perna, a aprendizagem do ritmo Salsa, a qual exige mais habilidades como o rebolado e o balanço de tronco, torna-se menos difícil em relação a um treinamento inverso, como, por exemplo, o ensino da Salsa antes do Bolero. Para finalizar, propõe-se que haja mais estudos acerca do assunto, visto que houve dificuldades quanto à localização de estudos e referências na literatura pesquisada.

**Palavras-chave:** Dança de Salão. Passo longitudinal. Transferência de aprendizagem. Ritmo Salsa e Bolero.